

TESTEMUNHO DE... UMA LEITORA?

Ana Paula Guimarães

Dez livros? Dez livros? Dez livros? Dez histórias! Isso sim... foi por aí que tudo começou. Era uma vez um tempo em que os papéis eram apenas os dos adultos. Eu ainda nem tinha idade para **lhes**... tocar. Mas lá escutar, escutava. Lembro-me ainda hoje dos sons da papelada nas mãos da minha tia (oito anos mais velha do que eu), dos ruídos dos livros dela abertos e fechados com garra e empenho. Uma vez ou duas enchi as páginas (sabem o que são páginas? eu na altura nem sabia...) de um, dois, três, quatro ou cinco (quem sabe?) compêndios (uuiii!!!) de gordura da manteiga que barrava o pão que eu ia mastigando a pouco e pouco, calmamente (mais tarde aprendi que era assim que se devia ler: calmamente). Mal sabia eu que aquela gordura não era tinta permanente mas funcionava como tal: nunca mais de lá saíria.

Foi assim. Como digo. Livros só muito depois. *Os Desastres de Sofia* da Condessa... de Ségur, talvez um dos primeiros. *Os Cinco salvaram o Tio* (de Enid Blyton), um pouco mais tarde. Tarde demais, segundo uma funcionária do Liceu de Oeiras que me descompôs por eu estar ainda a ler *Os Cinco* uma das únicas vezes em que usei sentar-me na soturna biblioteca. Tinha 12 anos. Idade para **já ler** autores nobres e consagrados. Estava atrasada no PLANO não NACIONAL mas INDIVIDUAL de LEITURA.

De facto, muito muito muito tempo antes disso, comecei por **ouvir** e depois por **escutar** histórias. Encantada! *A História da Baratinha*, um disco de 45 rotações num giradiscos que a minha mãe punha a girar a girar a girar para eu estar entretida. *A Formiguinha e a Neve*, o *Pinocchio* (escrevia-se assim, a edição do disco era brasileira, fui vasculhar na arca dos restos ainda vivos guardados junto dos restos mais recentes, vivemos de restos, não é?).

Também me lembro de caminhar ao lado da titi (a tal tia), pela calçada que ligava as nossas casas, recitando (anos antes de saber ler...) "*As armas e os barões assinalados, / Que da ocidental praia lusitana, / Por mares nunca dantes navegados, / Passaram ainda além da Taprobana*" por aí fora até ao final da 3ª estrofe!!!: "*Cesse tudo o que a Musa antiga canta, / Que outro valor mais alto se alevanta*" – versos papagueados sem fazer a mínima ideia do significado. E bastante dificuldade tinha em pronunciar "taprobana" bem como outras palavras, as quais, agora (com 52 anos), já sei que se escrevem com maiúscula...

O que quer esta conversa toda dizer? Antes de (e não em vez de) Planos Nacionais de Leitura, eu proponho Planos Nacionais de Escutar Contos, Cantos e que mais. Criar o gosto pelos livros começa pelo gosto de **ouvir** e depois **escutar** as palavras que deles saem – aos solavancos, aos saltos ou a dançar ou a correr. Tanto faz. Pôr os olhos em cima das letras, elas parecerem ilegíveis e ver chegar um decifrador que tira de lá sons,

melodias, histórias e meninas e moços (rapazes e raparigas só mais tarde entram em cena) a conversar com pedras e rochas e plantas e rios e animais trocando palavreado entre todos eles – como se fossemos nós.

Quer dizer: ler começa por **ouvir** ler contos de rainhas e contos de reis. **Escutar** quem se empenha em contar.

Não. Mentira! Cantar. Isso sim. Ler começa por **ouvir cantar**. Na barriga da mãe se possível, se formos a mãe ou o pai do filho que criamos. Se não... sugiro que, pelo menos, quando o filho nos nasce – nasce para nós da cesariana rasgada no peito (com um fecho éclair?) – comecemos a passar o tempo-junto (pouco ou muito) cantando-lhe cantos que julgávamos esquecidos mas, afinal, sabemos de cor e salteado, povoando-lhe o corpo dos pés à cabeça de lengalengas, rimas infantis, trava-línguas, anexins, anfiguris, jogos numerativos... (há recolhas publicadas em livros, não se assustem, assim que as olharem, vão recordar imensas da vossa infância, acreditem!)

Cantarolar, cantar e contar histórias e anedotas, mostrar provérbios, fazer adivinhar adivinhas enquanto se vai adivinhando coisas da vida – eis, talvez, o segredo (será?) do gosto pelo enredos, pelas tramas, pelos tecidos/textos, pelos fios com que cosemos a roupa descosida e com os quais as canetas escreverão mais tarde nas folhas de linhas (linhas! de costura?) as p-a-l-a-v-r-a-s que hão-de chegar ao fim da linha e ter de voltar atrás numa linha mais abaixo como o arado na terra, lavrando um terreno que não era seu e agora passa a ser. Até que o leitor por lá passeie. ■



Ana Paula Guimarães, professora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e coordenadora do Instituto de Estudos de Literatura Tradicional da mesma Universidade, tem uma verdadeira paixão pela cultura tradicional e popular, nas suas diferentes manifestações, sobretudo na forma como ela se assume na fusão com a sociedade contemporânea. Atenta à realidade que a cerca, revela ainda uma extraordinária capacidade

de incentivar os outros, articulando conhecimentos, áreas científicas e vontades, ultrapassando obstáculos e descobrindo novas metas e interesses.